



## **Metade das empresas portuguesas admite cortar salários dos executivos de topo**

**06.11.2009 - 07h39**

**Por Ana Rute Silva**

Política de remunerações poderá ser alterada em mais de dois terços das empresas e os cortes nos prémios serão um dos instrumentos das companhias

A recessão mundial poderá obrigar 72 por cento das empresas portuguesas a mudar a política de compensação salarial dos executivos de topo e, destas, quase metade preferia cortar no salário base dos gestores

De acordo com um estudo realizado pela MRINetwork Portugal para o PÚBLICO, dos 250 administradores, directores-gerais e directores de recursos humanos questionados, 41 por cento tem a intenção de retirar ou diminuir os prémios a atribuir. Os custos com automóveis (um dos benefícios mais cobiçados pelos executivos portugueses) também são uma componente a cortar para 38 por cento das empresas. E 25 por cento dos inquiridos opta mesmo por retirar do pacote salarial os seguros que asseguravam para os seus funcionários (de saúde, por exemplo).

"Os resultados mostram que a maior parte das empresas da amostra está a passar por dificuldades, pensando mesmo em formas possíveis e legais de cortar no salário base", comenta Ana Teixeira, directora-geral da MRINetwork Portugal, acrescentando que "é um mal menor face à alternativa de despedimento".

### **Há também quem aumente**

A tendência de cortar nos salários base não é transversal a todos os sectores

Na indústria farmacêutica, 93 por cento garante que não vai mexer nos ordenados e na logística e distribuição - identificado pelos estudos salariais como o sector onde se praticam ordenados abaixo dos valores médios do

mercado, sobretudo para as funções intermédias e administrativas - 38 por cento tem mesmo a pretensão de aumentar a remuneração

É na construção e obras públicas que os impactos da crise no salário dos executivos têm mais eco. O estudo da MRINetwork, uma multinacional de recursos humanos, diz que 97 por cento das empresas deste sector admite cortar nos ordenados e mais de 60 por cento não vai atribuir qualquer prémio este ano.

Mas há outros dados mais positivos. Até ao final do ano, as expectativas de contratação são mais optimistas. Cerca de 32 por cento dos inquiridos pretende aumentar o quadro de pessoal, sobretudo no sector das tecnologias da informação e saúde.